

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

FACULDADE DE LETRAS

MILLENA ALVES DA SILVA

**CONCEITOS DE LITERATURA E LEITURA LITERÁRIA EM
AUTOBIOGRAFIAS DE LEITOR DE PROFESSORES EM FORMAÇÃO
INICIAL**

RIO DE JANEIRO

2024

MILLENA ALVES DA SILVA

**CONCEITOS DE LITERATURA E LEITURA LITERÁRIA EM
AUTOBIOGRAFIAS DE LEITOR DE PROFESSORES EM FORMAÇÃO
INICIAL**

Trabalho de conclusão de curso elaborado no âmbito da graduação na Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como pré-requisito para a obtenção do título de Licenciada em Letras na habilitação Português e Literaturas de Língua Portuguesa, sob orientação do professor Dr. Marcel Alvaro de Amorim.

Data de avaliação: 20/01/2024

Banca Examinadora:

Professor Doutor Marcel Alvaro de Amorim na instituição de ensino UFRJ

Orientador

NOTA: 9,5

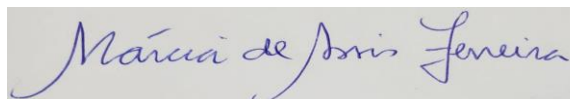
Professora Mestre Márcia de Assis Ferreira na instituição de ensino COLUNI-UFF.

Leitora crítica

NOTA: 9,0

MÉDIA: 9,3

Assinatura dos avaliadores:



AGRADECIMENTOS

Primeiramente, gostaria de agradecer ao meu pai, o grande incentivador de toda essa jornada chamada graduação. Sr. Waldo da Silva; obrigada por me apoiar incondicionalmente por toda minha vida e por me guiar na escolha pelo magistério.

Agradeço a minha mãe por sempre se orgulhar de mim, acreditando no meu potencial até mesmo nos momentos difíceis da faculdade. Eli Alves de Oliveira, obrigada por me fazer sentir capaz e especial.

Quero agradecer também ao meu noivo, Yago dos Santos Paixão, por me apoiar durante toda a graduação e por sempre demonstrar todo amor e admiração pela minha trajetória acadêmica.

Amo vocês mais do que consigo dizer... Essa vitória não seria possível se vocês não estivessem ao meu lado, confiando no meu potencial!

Um agradecimento especial ao meu orientador, Prof. Dr. Marcel Alvaro de Amorim, por me conduzir na maravilhosa experiência de estágio e no desenvolvimento da minha monografia. Obrigada pela confiança, paciência e pela oportunidade de ser orientada por um professor incrível. Quem ouve suas palavras não aprende apenas ciências, mas aprende um pouco mais da vida.

O que a literatura faz é o mesmo que acender um fósforo no campo no meio da noite. Um fósforo não ilumina quase nada, mas nos permite ver quanta escuridão existe ao redor.

William Faulkner

RESUMO

A presente monografia tem como objetivo investigar o processo de formação de leitor e da construção da identidade literária por meio da análise de autobiografias de leitor. Especificamente, busca-se compreender as concepções de literatura e leitura literária ressignificadas em autobiografias de leitor de professores em formação no curso de Letras: Português e Literaturas de Língua Portuguesa da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Os dados foram construídos a partir da análise interpretativista das autobiografias de leitor de professores em formação inicial em uma turma de Didática de Português-Literaturas da Faculdade de Letras da UFRJ, em diálogo com a minha própria experiência em relação ao desenvolvimento do meu processo de formação enquanto leitora literária. Os dados analisados apontam que o desenvolvimento da formação de leitor do indivíduo e da sua identidade literária está relacionado, sobretudo, com o estímulo literário recebido dentro do ambiente familiar, tornando-se esse o espaço de orientação inicial que guiará o caminho literário do indivíduo ainda quando criança. Além disso, a pesquisa aponta para concepções amplas de literatura – da literatura infantojuvenil às literaturas canônicas e de massa – e noções, por vezes, binárias de leitura literária – do ler por prazer à leitura profissional-analítica.

Palavras-chave: Formação de leitores; autobiografia do leitor; identidade literária.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	7
1. SOBRE A IDEIA DE LITERATURA E O CONCEITO DE LEITURA LITERÁRIA.....	9
2. AUTOBIOGRAFIA DO LEITOR: PERCURSO DE CONSTRUÇÃO DAS IDENTIDADES LEITORAS.....	13
3. UMA LEITURA DAS AUTOBIOGRAFIAS DE LEITOR DE PROFESSORES DE LITERATURA EM FORMAÇÃO.....	16
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	24
REFERÊNCIAS.....	26

INTRODUÇÃO

Esta monografia apresenta-se grandemente relacionada com a minha experiência pessoal enquanto leitora e com a minha formação profissional inicial como docente de Literatura. Acredito e defendo que toda leitura, incluindo a das histórias que foram contadas na infância, tem algo a nos ensinar. Sendo assim, afirmo que é possível construir o interesse pela leitura a partir dos mais variados gêneros literários e, conseqüentemente, ampliar o repertório de leitura para textos de outros gêneros, sejam eles clássicos ou contemporâneos.

Em relação a minha experiência com a leitura literária, aprendi a ler relativamente cedo, aos cinco anos de idade. Com isso, veio o desejo de ler tudo o que via em minha frente. O responsável por meu primeiro contato com a literatura foi meu pai, dentro de nossa casa, quando passou a me presentear com livros infantis como uma forma de me recompensar pelo interesse nos estudos. À medida que o tempo foi passando, o desejo de ganhar mais livros aumentava e eu tinha a vontade de ler tão bem quanto meu pai.

Aos onze anos de idade, mudei de escola e o meu contato com a literatura despencou. Poemas e contos só eram lidos com a finalidade de resolver questões gramaticais que já vinham prontas nas apostilas. A minha realidade escolar mudou drasticamente, pois saí de uma escola particular que incentivava a leitura como meio de diversão e fui inserida na rede pública de ensino, em turmas com mais de quarenta alunos, com pouco incentivo à prática da leitura literária.

Apesar de, enquanto professora em formação, defender a escola pública, é inegável que a educação pública brasileira é um setor carente em vários sentidos. Em grande parte dos casos, faltam materiais, professores e a quantidade de salas são insuficientes para o número de alunos matriculados em cada unidade escolar. Os alunos da rede pública de ensino, por vezes vezes, não possuem uma base familiar que incentive o interesse pela leitura e condições financeiras para investir na compra de livros.

Já no Ensino Médio, o aumento significativo de disciplinas e a pressão de ter que se preparar para o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) faz com que o adolescente passe a ler uma grande carga de textos obrigatórios e, muitas vezes, perca o prazer na prática literária. Desse modo, somente ao ingressar na Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), tive a oportunidade de enxergar que a literatura é aberta

a diferentes modos de ler e de compreender a obra.

A partir das aulas de Teoria Literária, foi possível compreender que pensar a literatura como experiência não a transforma numa atividade descompromissada. Pelo contrário, a obra recebe e dá vida ao leitor no momento da leitura, tanto quanto obtém e doa existência ao escritor no ato da escrita. Durante a leitura, a visão do leitor pode divergir da visão da obra, ocasionando uma mistura nas perspectivas de ambos, o que faz com que o leitor reflita sobre suas concepções de vida e visão de mundo. Segundo Iser (1999), isso faz com que a leitura se torne uma comunicação efetiva, um diálogo a partir do qual o leitor exerce sua atividade produtiva, pois o texto o força a uma tomada de posição.

“A leitura só se torna um prazer no momento em que nossa produtividade entra em jogo, ou seja, quando os textos nos oferecem a possibilidade de exercer as nossas capacidades” (ISER, 1999). Dessa maneira, a obra literária convida o leitor a ter um envolvimento particular com o texto. Esse engajamento faz com que a leitura se torne uma experiência tão intensa que incentiva o leitor a criar um compromisso na produção de sentido do texto. Essa interação faz com que o leitor tome conhecimento sobre a própria realidade, reforçando sua experiência pessoal consigo mesmo, com os outros e com o mundo.

Dessa maneira, precisamos destacar a importância de investigarmos o desenvolvimento do indivíduo enquanto leitor. Interessa-me, especialmente, conhecer as experiências de leitura e o processo de formação do gosto pela leitura literária de licenciandos, como eu, em formação inicial para a docência em Literatura. Em função disso, esta monografia possui o objetivo de *compreender concepções de literatura e leitura literária ressignificadas em autobiografias de leitor de professores em formação no curso de Letras: Português e Literaturas de Língua Portuguesa da Universidade Federal do Rio de Janeiro a partir de experiências com a literatura relatadas tanto no âmbito familiar, quanto nos espaços escolar e universitário.*

Desse modo, o objetivo deste estudo se fez possível a partir da análise interpretativista de oito autobiografias de leitor de professores em formação do curso de Letras: Português e Literaturas de Língua Portuguesa da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ. É importante ressaltar que, indubitavelmente, não foram revelados os verdadeiros nomes dos autores dos materiais utilizados para a análise desse trabalho. Todas as narrativas foram produzidas na disciplina de Didática Especial de Português-Literaturas e possuem autorização do docente da disciplina para serem utilizadas como

material de estudo.

1. SOBRE A IDEIA DE LITERATURA E O CONCEITO DE LEITURA LITERÁRIA

Já que a presente monografia se desenvolverá a partir da investigação de concepções de literatura e leitura literária em autobiografias de professores em formação, iniciarei a argumentação pela ideia de *literatura* e pelo conceito de *leitura literária* fundamentado em autores diversos.

Se a leitura literária existe, é incontestável que exista algo chamado Literatura, sobre a qual se teoriza. Pensando desse modo, podemos começar o capítulo levantando a seguinte questão: *O que é literatura?* Ressalto, no entanto, que tenho a convicção da não possibilidade de esgotamento do tema ou de resposta efetiva da questão, tarefa, como demonstrarei, hercúleo campo dos Estudos Literários. Pretendo, aqui, apenas sinalizar algumas importantes reflexões.

No século XX, a literatura era vista como constituinte de uma nação, sendo enxergada, por alguns, como algo maior e mais poderoso do que a própria ciência. Para Marcel Proust, somente a literatura seria capaz de possibilitar uma verdadeira vivência, pois a arte permite que o indivíduo se coloque no lugar do outro. Nas palavras de Todorov (2010, p. 24),

A literatura nos enriquece infinitamente. Ela nos proporciona sensações insubstituíveis que fazem o mundo real se tornar mais pleno de sentido e mais belo. Longe de ser um simples entretenimento, uma distração reservada à pessoas educadas, ela permite que cada um responda melhor à sua vocação de ser humano.

Atualmente, o avanço digital é, muitas vezes, apontado como o responsável pela redução do tempo disponível para o diálogo com os livros impressos. Isso parece ter feito com que a literatura, compreendida num sentido clássico, perdesse espaço na sociedade e a ciência tornou-se mais valorizada do que a arte das palavras. É claro que, se considerarmos o alto custo dos livros em livrarias físicas, concluiremos que nem todos possuem condições financeiras de adquirir livros físicos. Isso faz com que o digital continue crescendo disparadamente e torna necessário, inclusive, um repensar sobre o que consideramos como literatura.

No livro *Literatura ontem, hoje e amanhã* (2018), Marisa Lajolo debate questões referentes ao entendimento sobre o que a literatura se tornou nos últimos anos e se ela ainda continua viva. Lajolo (2018) conquista a atenção do leitor ao conseguir introduzir o assunto de maneira mais leve e sem se fazer parecer um texto acadêmico, tornando-o mais fácil de ser compreendido por diferentes públicos ao utilizar um tipo de linguajar mais informal. A autora sinaliza a forma pela qual a literatura está sendo vista, pois, apesar de falarem que ela se encontra morta, a literatura, de acordo com Lajolo, vem, na verdade, se transformando e inovando.

Ao destacar as diferentes maneiras em que a literatura se apresenta, a autora defende que, na contemporaneidade, existem formas literárias para todos os públicos. Ou seja, há diversos gêneros e múltiplos jeitos de se ler os livros, sendo os objetos literários impressos ou digitais. No entanto, é curioso evidenciar que, mesmo que atualmente tenhamos uma literatura multifacetada, a literatura dita convencional, aquela ensinada dentro das salas de aula, ainda é detentora de prestígio. Dessa forma, podemos compreender que a literatura clássica não deixou de existir, mas que apenas não se encontra mais sozinha.

Consequentemente, pensar e refletir sobre literatura torna-se algo bem mais amplo. Há a literatura cânone, há a literatura desconhecida – a qual é formada por autores desconhecidos e que são difíceis de serem encontrados. Há também os grandiosos *best-sellers*, livros que podem, dependendo da perspectiva teórica adotada, ser considerados como uma linha de montagem e que, geralmente, atraem um público jovem e que são, em sua maioria, livros de romance, fantasia, guerra, conhecidos, em grande parte dos casos, pela frequência exagerada de cenas de sexo e violência. Mas o que, de fato, é a literatura?

Será que obras não lidas em sala de aula e recheadas, por exemplo, de cenas consideradas gráficas, lidas apenas como forma de entretenimento, podem ser consideradas como literatura? Literatura seria toda e qualquer obra criada em forma de livro? De acordo com Marisa Lajolo (2018, p. XX), a “resposta é simples. Tudo isso é, não é e pode ser literatura. Depende do ponto de vista, do significado que cada palavra tem para cada um, da situação na qual se discute literatura.” A autora considera a literatura como algo flexível e adaptado à sua própria época; a questão da definição não se aplica à própria literatura, pois ela é o que ela pode ser. Se pensarmos pelo sentido da definição de literatura e sobre quem insiste em defini-la, entraremos num questionamento sobre o porquê de algumas obras serem tão valorizadas e outras não.

É incontestável, por exemplo, o fato de que autores negros e periféricos continuam

tendo suas obras desvalorizadas ou sua identidade cultural apagada, apesar do avanço na discussão conceitual, por exemplo, de uma literatura afro-brasileira (EVARISTO, 2009; DUARTE, 2014). Uma prova disso é o embranquecimento de Machado de Assis, o qual foi produto de apropriação de uma sociedade racista que o queria branco para legitimar o projeto de um país em que pessoas negras seriam apenas resquícios de um passado que se queria esconder. Questões como essa – e outras, que vão desde a problemática das literaturas indígenas à questões mercadológicas envolvidas –, não podem ficar de fora numa discussão mais aprofundada sobre o conceito de literatura hoje; o que, ressaltado, foge ao escopo desta monografia.

No contexto deste trabalho, para além de entendermos o que é literatura, precisamos pensar sobre o que seria leitura literária. Já que a literatura se entende como algo polivalente e pessoal-social, tendo uma constante mudança de definição e valor de pessoa para pessoa, de sociedade para sociedade, faz-se necessário levantar o seguinte questionamento: *O que é leitura literária?* Quando falamos em leitura literária, estamos falando de duas formas diferentes de leitura que se encontram entrelaçadas. Ou seja, não há como falar em uma sem citar a outra. Araújo (2010) afirma que, há milhares de anos, antes da criação do termo literatura, um faraó já utilizava a leitura de textos com palavras *bonitas* como meio de distração. Sendo assim, podemos perceber a leitura literária no seu sentido geral de leitura deleite de textos considerados literários.

A outra forma de leitura literária corresponde à prática de analisar teoricamente os textos literários. Na primeira prática de leitura, só é necessário que o leitor tenha um texto literário e vontade de ler, não há necessidade de o leitor possuir nenhum conhecimento específico sobre literatura. Essa prática de leitura que busca o entretenimento se constrói a partir do incentivo da escola ao reforçar a leitura como forma de fazer com que o aluno crie o hábito de ler e, conseqüentemente, aprimore sua leitura e sua escrita.

Já na segunda forma de leitura literária, faz-se necessário que o leitor possua formação e conhecimento literário para que seja capaz de realizar análise e interpretação dos textos literários. Esta se difere da outra por sua leitura ser direcionada a algum referente do texto utilizado, podendo ser o autor, o leitor, o contexto literário ou o próprio texto. Cada tipo de análise irá evidenciar um elemento textual. É óbvio que o conhecimento de mundo de cada indivíduo acarretará diferentes efeitos na análise literária do leitor.

Cosson (2014) afirma ainda que há a possibilidade de que a combinação entre

os elementos e objetos da leitura gerem doze modos diferentes de praticar a leitura literária. Podemos concluir que, assim como a literatura, o conceito de leitura literária é plurivalente.

A partir da minha experiência como aluna do curso de Letras: Português e Literaturas de Língua Portuguesa da Universidade Federal do Rio de Janeiro, redescobri a literatura e a leitura literária como a arte e a ciência que, apesar de fazer-se capaz de incluir minhas próprias experiências, não as torna descompromissadas. Portanto, do meu ponto de vista como professora de Literatura em formação, afirmo que me afilio a ideia da leitura literária também como objeto de análise literária, pois os frutos da leitura literária são infinitos se levarmos em conta os elementos e objetos do texto literário. Esses elementos e objetos, no meu entender, podem propiciar uma experiência estética diferenciada com o texto literário; experiência essa que Amorim et al. (2022) pensam como dimensão essencial da leitura de literatura:

(...) temos a leitura literária como aquela em que, diante do texto (social, política, cultural e historicamente situado), o leitor (igualmente situado) consegue reconstruir elementos que abrangem as dimensões cognitivas, éticas e, também, estéticas de sua existência em sociedade. Vale destacar que todas essas dimensões são construídas de forma contextualizada, de modo que relações de poder macro e microsociais interferem em cada uma delas. Em outras palavras, a leitura literária decorre, assim como outros tipos de leitura, de uma integração sócio e historicamente situada, mas tem como diferencial o alcance da dimensão estética da pessoa. (AMORIM et al., 2022, p. 73).

A leitura literária deve, então, servir mais do que como fundamento para a confirmação ou não de hipóteses criadas sobre determinado texto, servindo este como objeto de reflexão do leitor, de alcance da dimensão estética da pessoa. Assim sendo, entendo que a leitura literária é um ato que consiste em construir a reflexão do leitor – social e historicamente situado – sob a forma do diálogo entre o leitor e o texto em que a consideração sobre a dimensão estética se faz essencial. Esse diálogo se dá por meio da forma que o leitor interpreta e se integra, de acordo com sua experiência, vivências e conhecimento do mundo, com o texto literário.

2. AUTOBIOGRAFIA DO LEITOR: PERCURSO DE CONSTRUÇÃO DAS IDENTIDADES LEITORAS

É indiscutível que a escola exerce um papel extremamente importante na formação do indivíduo leitor, sendo assim, cabe a ela fornecer condições adequadas para a evolução e desenvolvimento da apropriação do literário. Além disso, devemos levar em conta que as universidades também são responsáveis por formar leitores e, no caso específico dos cursos de Letras, futuros docentes de Literatura que deverão se incumbir de mediar o processo de formação do leitor em sala de aula.

Nesta seção, irei apresentar a concepção de *Autobiografia do Leitor*, com a finalidade de entender esse conceito e a ideia de identidade literária. Além disso, ao decorrer da seção, irei descrever como o projeto de autobiografia do leitor foi trabalhado na disciplina de Didática de Português-Literaturas do curso de Letras: Português e Literaturas de Língua Portuguesa da Universidade Federal do Rio de Janeiro no segundo semestre de 2023, contexto no qual as autobiografias aqui analisadas foram construídas.

Autobiografia do Leitor é um gênero que foi criado no ano de 2000 pelo jornalista Pierre Dumayet. Esse gênero possui extrema importância na formação do indivíduo e da sua subjetividade, pois é através dele que se faz possível a compreensão e a divisão que o leitor realiza entre o mundo literário e o mundo em que se vive. Dumayet chama o mundo literário de “segunda vida” do leitor, pois ela envolve o leitor e suas memórias, independentemente do nosso dia a dia.

Dumayet (2000) afirma que a subjetividade é algo essencial para a construção do sentido da leitura. O autor sinaliza que a realização da autobiografia literária é um processo que necessita que o leitor possua noção de alguns aspectos de identidade literária e, com isso, se faz necessária a existência de experiência enquanto leitor. Dessa forma, Pierre Dumayet entende que a autobiografia do leitor é uma atividade que deve ser direcionada ao leitor adulto e, conseqüentemente, mais experiente.

Por mais que as instituições de ensino tenham modernizado e melhorado suas abordagens de ensino de literatura, é notório que a literatura ainda não possui a importância que deveria ter em sala de aula. Dessa forma, ainda encontramos turmas que possuem, em sua maioria, alunos desinteressados pela leitura e que só a praticam por obrigação para receber nota. A falta de interesse se dá, muitas vezes, pela forma com que a escola aborda o texto literário.

A maioria das escolas não possui biblioteca ou possui uma biblioteca desatualizada

e que foge da realidade cotidiana dos alunos. Outro fator que atrapalha a formação do leitor é a tentativa de obrigar o aluno a ler textos que não vão ao encontro do nível de desenvolvimento do aluno e do ensino de português dado em sala de aula. Desse modo, dificilmente será possível que o aluno compreenda o que está lendo, o que poderá acarretar falta de interesse da turma. Além disso, muitas vezes, falta a existência de um ensino literário progressivo e sistematizado para além da abordagem de aspectos históricos ou estruturais do texto literário.

Acredito que a identidade literária do indivíduo se consolida a partir do ensino médio, momento no qual o aluno amadurece seu gosto, suas ideias e possui uma área de conhecimento mais ampla sobre a língua. A maioria dos jovens possui um gosto literário bastante diversificado, tornando-se abertos a vários gêneros literários. Essa amplitude literária faz com que o aluno se torne independente para escolher o tipo de literatura que mais lhe atrai, sendo capaz de separar seus gostos e reconhecer a sua identidade enquanto leitor.

Vale acentuar que o processo de formação do leitor se inicia desde o primeiro contato do indivíduo com a literatura, podendo despertar-se por meio dos contos clássicos ou até mesmo de histórias infantis contemporâneas ou de causos contados por pessoas mais velhas. Desse modo, não necessariamente a formação literária deve ser iniciada no âmbito escolar. O primeiro contato do indivíduo com a literatura pode ocorrer até mesmo antes da criança ingressar na escola. É evidente que, independentemente do gênero escolhido, a formação do leitor se fundamenta no estímulo literário que ele receberá no ambiente escolar ou familiar.

Apesar de enfatizarmos a discussão a partir do ensino de literatura nas escolas, é pertinente que saibamos que uma boa formação leitora só se fará possível se os graduandos em Letras: Português e Literaturas possuírem um ensino de qualidade socialmente referenciada nas universidades. A formação do leitor na escola começa pela formação do professor de Literatura. É fato consumado que, para formar leitores, o professor também precisa ser leitor. Devemos considerar que muitos alunos não possuem contato com a leitura dentro do ambiente familiar, o que torna o papel desse professor-leitor ainda mais importante.

Mesmo que a formação literária não dependa somente da escola, é inegável a importância da presença do professor de Literatura nesse processo. O diálogo de saberes e a troca de experiências entre aluno e professor enquanto leitores é indispensável para a

formação da identidade do leitor. Entretanto, é possível, por diversos motivos estruturais, pessoais e, ainda, socioeconômicos, encontrar professores totalmente desmotivados e sem vontade de ler. Desse modo, ao se relegar a segundo plano a importância da literatura em sala de aula, pode-se contribuir para promover desinteresse pela leitura literária.

Ana Maria Machado (2016) afirma que o hábito de ler pode ser comparado com ações do cotidiano como escovar os dentes e calçar sapatos, ações que são culturalmente construídas. Nesse encaixe, podemos afirmar que a leitura também é um processo cultural, ou seja, aprendido e reforçado nos contextos em que vivemos. Machado afirma que o melhor incentivo para ler é observar que as pessoas ao seu redor também praticam a leitura.

Com isso, a tarefa da construção da autobiografia do leitor pode se tornar de extrema importância para o processo de formação de professores de Literatura. Como já citado anteriormente, o objeto de análise dessa pesquisa serão as autobiografias de leitor que foram solicitadas pelo professor da disciplina de Didática de Português-Literatura e que foram construídas a partir das seguintes diretrizes:

1. Quando você começou a se interessar por formas de fabulação do mundo?;
2. Quando criança, seus/suas responsáveis liam histórias para você?;
3. Quando você começou a efetivamente ler literatura?;
4. Que tipos de obras ou gêneros literários você lia no período da infância?;
5. Ainda na infância, as obras lidas eram indicadas por alguém ou escolhidas aleatoriamente?;
6. Que memórias você melhor recorda da sua formação escolar como leitor/a?
7. A escola teve um efeito, na sua visão, positivo ou negativo na sua formação como leitor/a de literatura?;
8. E a Faculdade de Letras? Qual o impacto da licenciatura na sua formação como leitor/a de literatura?;
9. Por fim, você se considera, hoje, como um/a leitor/a de literatura?

As autobiografias foram construídas por 17 (dezessete) alunos da turma. O perfil desses alunos era variado. A turma era majoritariamente feminina, composta por onze

mulheres e seis homens. Os alunos residiam em diferentes regiões, sendo um misto das Zonas Norte, Leste e Oeste do Rio de Janeiro. A turma era composta por alunos que vinham tanto do ensino público como do particular, este possuindo um número maior de discentes. A faixa etária da turma se encontra entre os 23 aos 27 anos. Dentre os 17 (dezesete) textos construídos, selecionados, devido ao escopo e limites de tamanho dessa monografia, 08 (oito) que tiveram suas autobiografias de leitor analisadas; a seleção foi realizada, especialmente, considerando a diversidade das experiências relatadas nas autobiografias dos licenciandos. Na próxima seção, apresento o caminho analítico e a análise propriamente dita. Por questões éticas, os nomes utilizados ao longo da análise são fictícios.

3. UMA LEITURA DAS AUTOBIOGRAFIAS DE LEITOR DE PROFESSORES DE LITERATURA EM FORMAÇÃO

Nesta seção, apresento uma análise interpretativista das autobiografias tendo foco nas particularidades de cada texto. De acordo com Moita Lopes (1994), a análise interpretativista é uma tradição inovadora que busca entender o mundo levando em conta a visão de quem o vive. Como o próprio nome indica, a análise interpretativista é desenvolvida por meio da interpretação do mundo social.

Diferentemente da análise positivista, na análise interpretativista levam-se em consideração questões ideológicas e subjetivas. Isso faz com que se torne inviável que a pesquisa interpretativista se desenvolva a partir de uma única visão e entendimento de mundo. É necessário que o pesquisador tenha acesso a vários fatores e conhecimentos de indivíduos diferentes para que sua análise se constitua (MOITA LOPES, 1994).

Como dito anteriormente, minha análise partirá de 8 (oito) autobiografias de alunos da turma de Didática de Língua Portuguesa da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Os autores das autobiografias selecionadas terão atribuídos nomes fictícios para que não tenham sua identidade revelada.

A autora da primeira autobiografia, Bruna, cresceu num lar em que não havia muito contato com livros; havia apenas jornais e a Bíblia. Apesar disso, seu pai sempre conseguia ganhar sua atenção por meio do conto de lendas urbanas para ela e seus irmãos. Bruna enfatiza que seu primeiro contato com a leitura literária ocorreu na escola e, a partir disso, foi se apegando cada vez mais com a leitura de livros que pegava na biblioteca. É

importante ressaltar que, apesar da estudante ter descoberto o gosto por livros literários apenas na escola, ela também obteve um incentivo por meio dos contos orais que seu pai lhe proporcionou na infância.

Meu pai sempre contava umas lendas urbanas ruins, mas que prendiam a gente (eu e meus irmãos), e quando faltava luz, ficávamos contando mais e mais histórias, umas até que verdadeiras, mas era sempre uma história engraçada para tentar impressionar os filhos. (Bruna)

Em seu relato, ela registra: “Algo que eu sempre lembro, foi em uma aula no ensino fundamental, a professora leu um livro, inesquecível, “Menina bonita do laço de fita”, da escritora Ana Maria Machado, o livro abordava questões ligadas a miscigenação, racismo, e beleza, desde cedo aprendi sobre respeitar as diferenças, então a escola teve um impacto na minha vida como leitora de textos e sobretudo, como leitora do mundo”. Podemos perceber o impacto que a literatura teve na vida de Bruna, tanto na sua formação enquanto leitora e na sua formação como indivíduo. Pode-se perceber também uma ampliação da concepção de literatura, de literatura como “lendas urbanas ruins” para o contato com a literatura estabelecida de Ana Maria Machado.

Através desse relato, pode-se considerar, também, que a leitura literária não só tem a ver com a subjetividade de sentir experiências de um mundo imaginário como também torna possível a identificação do indivíduo com a realidade já existente, além de colaborar na formação da identidade do leitor. Isso porque foi por meio da leitura do livro *A menina bonita do laço de fita* de Ana Maria Machado que a estudante aprendeu sobre valores sociais e sobre a importância de respeitar as diferenças uns dos outros ainda quando criança.

Além de todas as experiências do seu processo de desenvolvimento como leitora relatadas em seu texto, Bruna reconhece que desenvolveu algumas habilidades literárias somente após ingressar na Faculdade de Letras. De acordo com a autobiografia de leitora de Bruna: “A Faculdade de letras, foi um ambiente que me proporcionou um outro olhar sobre a leitura e o mundo, um olhar mais crítico e questionador, aprendi a ler, a entender a estrutura dos diversos gêneros e tipos textuais, sobretudo, aprendi a enxergar o mundo de outra maneira”. Por “olhar mais crítico e questionador”, Bruna parece apontar para a apropriação de ferramentas, tais como as da Teoria Literária, que ampliaram seus saberes de leitura da literatura. A apropriação desses saberes parece ter possibilitado a essa professora em formação novas formas de leitura e de diálogo com o mundo a partir do

literário.

Já Ana relata que seu ambiente familiar a estimulava com a literatura desde que era um bebê, quando ganhou sua primeira coleção de livros infantojuvenil. A professora em formação afirma: “Ainda que não soubesse ler, podia ouvir e viajar por mundos fantásticos. De forma inconsciente, minha mãe e minha tia despertavam em mim o gosto pela contação de histórias”. A partir dessa afirmação, podemos perceber que ainda que não fosse alfabetizada, a contação de histórias possui uma relevância na sua formação como leitora literária. Apesar de ter tido contato com a leitura na escola alguns anos depois, sua família foi responsável por incentivar seu interesse antes mesmo de aprender a ler.

Mesmo com uma base familiar bastante incentivadora, Ana relata que, a partir do Ensino Fundamental II, a leitura passou a ser algo mais difícil. Ela afirma que, gradualmente, perdeu o interesse pela leitura, pois, em sua concepção, há uma grande diferença entre ler por diversão e ler por obrigação: “Afinal, ouvir/ler histórias por diversão me parecia legal, não era o mesmo que ler para conseguir realizar uma prova. A leitura se tornara incrivelmente difícil, não conseguia entender o que aqueles autores me contavam”.

Nesse relato há uma crítica explícita ao material literário utilizado nas salas de aula. As escolas, em sua maioria, não levam em consideração que o conteúdo literário deve ser pensado também considerando a realidade em que os alunos vivem e suas próprias concepções de literaturas. Para evitar que a leitura se torne desinteressante, a literatura na escola poderia levar em conta as vivências e características de cada aluno, tais como as seguintes: faixa etária, classe social, nível de ensino, entre outros.

Em relação a conquistar o interesse dos alunos, Ana conta que, em seu percurso pelo Ensino Fundamental II, somente no nono ano teve seu interesse literário despertado novamente através de sua professora de Língua Portuguesa. Ela relata que teve seu interesse despertado por leituras de caráter feministas levadas para sala de aula e afirma que “as palavras voltaram a fazer sentido”. Esse foi o ponto de partida para que Ana resgatasse seu interesse pela leitura e para, futuramente, participar de uma iniciação científica com abordagem literária no Ensino Médio.

Mais uma vez, é possível entendermos a relevância que um professor possui na vida de seus alunos. O método usado, naquele contexto, pela professora promoveu a reconquista do interesse literário na estudante. De outra forma, talvez Ana não participaria da iniciação científica no Ensino Médio, tampouco escolheria ingressar na Faculdade de

Letras anos depois. Apesar de ter escolhido sua graduação por se identificar com a literatura, Ana afirma que a Faculdade de Letras não foi como imaginava; além das dinâmicas das aulas de literatura terem ido de encontro ao que ela concebia como aula de literatura, o cotidiano de ser uma estudante de Letras fez com que ela não tivesse tempo suficiente para realizar suas leituras.

Passaremos agora para a autobiografia da terceira aluna, Isabel. Ela inicia seu texto explicando que o ato de fabular sempre foi algo muito presente ao decorrer da sua infância. Isabel afirma que a fabulação existia no ato de brincar, de contar histórias e, mesmo que de maneira inconsciente, nos seus sonhos. É interessante pontuar que, ao pensar a literatura como ato de fabular, Isabel parece alinhar sua concepção de literatura à concepção clássica de Antonio Candido em *O direito à literatura* (1995).

A estudante reforça que as fabulações “naturalmente aconteciam, a brincadeira e o pensamento chamavam a criação, não havia nenhum esforço propriamente, apenas a mais pura criatividade despreocupada”. De acordo com essas informações, podemos perceber que a literatura infantil também está relacionada à ludicidade. Sendo assim, a criatividade literária não se baseia apenas em leitura e escrita, fazendo-se possível que ela se manifeste através de atividades lúdicas independentemente do local e da idade.

Após isso, Isabel comenta sobre o papel de sua mãe na sua formação como leitora:

Minha mãe sempre leu e contou histórias para mim e para o meu irmão. Ela diz que até mesmo grávida, ela lia em voz alta para si e para o neném em sua barriga. Quando criança, eu ouvia muito minha mãe ler. Antes de dormir, ela lia historinhas de livros infantis, em tom mais suave. Desde contos de fada, fantasias (que sempre contavam com uma "moral da história"), fábulas até histórias que eram dramatizadas, por fantoches e brinquedos. Nós brincávamos muito juntas, tendo a leitura como brincadeira. Durante o dia, eram livros mais informativos, não perdiamos o caráter infantil, mas sempre vinham com alguma informação.

Com base nessa declaração, podemos considerar que Isabel teve, desde sempre, uma base familiar que a direcionou para que a mesma pudesse desenvolver o hábito da leitura. Logo após, a estudante de Letras afirma que o seu processo de alfabetização também ocorreu dentro de casa. Ela fala sobre a importância da demonstração de afeto de sua figura materna desde o processo de assimilação de figuras até o processo de formação de palavras.

Diante disso, se torna inegável que a família incentivadora tenha grande importância também no processo de formação do leitor, já que a criança entra em contato com a literatura mesmo antes de ingressar na escola. Esse contato ocorre através de contos,

brincadeiras e até mesmo na observação de um familiar que tenha o hábito de ler.

Para além dos livros lidos na escola, aos 11 anos, eu nutri uma curiosidade pelos livros do meu irmão, ele tinha, em seu armário meio biblioteca, literatura clássica, de terror, ficção científica, romances românticos, fantasias, livros de poesia...Eu fui pegando um livro ou outro e lendo, alguns eu abandonei por não entender, outros eu simplesmente me apaixonei. Tentava pegar livros e autores que eu já conhecia por alto ou já tinha ouvido falar algo, mas também deixava a aleatoriedade falar, pegando um livro desconhecido que parecia interessante e só. Talvez eu me considere leitora de literatura só depois de ter passado por esse momento de escolha. (Isabel)

Podemos considerar que o interesse de Isabel pela leitura e a formação da sua identidade literária advém do contato com familiares que já tinham o costume de ler. Toda pessoa já ouviu que a criança é o espelho dos adultos com quem convive, certo? Todo estímulo tem uma resposta e quando não há estímulo pela leitura no ambiente familiar, ela acaba sendo considerada como algo desinteressante para o indivíduo que não obteve esse estímulo. Isso ocorre porque, na perspectiva do sujeito que não teve contato com a leitura como algo prazeroso dentro do seu ambiente familiar, a leitura, muitas vezes, passa a ser enxergada como algo chato e rígido que somente é cobrado nas escolas.

Para finalizar a sua autobiografia de leitor, Isabel conta que foi somente no Ensino Médio que ela teve ensino de literatura na escola. E foi a partir desse novo contato com a leitura que ela amadureceu sua visão da leitura e da escrita. A aluna declara que seu amor pela literatura foi o que a ajudou na decisão sobre qual curso universitário escolher e sobre qual profissão queria seguir; docente de Literaturas.

Agora analisaremos um texto que, de certo modo, entra em contradição com as visões de literatura que vimos até o presente momento. Até este ponto, as três autobiografias de leitor que analisei demonstram prazer pela leitura e o quanto esse sentimento influenciou na escolha da faculdade que cada um queria seguir. Porém, como somos indivíduos que divergem sentimentos e ideias, o autor da próxima autobiografia de leitor já inicia descartando a possibilidade de ter escolhido o curso de Letras – Português e Literaturas por puro afeto à leitura.

Desde minha infância, não tive um contato muito próximo com a leitura, ou seja, nenhum incentivo familiar e muito pouco na escola. Contudo, sempre gostei de animes, então ainda pratiquei muito a leitura na infância por meio das legendas deles, já que a grande maioria dos animes da época não eram dublados. Eu realmente assistia muito anime. Isso fez com que

aos 7-8 anos já lesse “muito bem” e escrevesse com um pouco mais de consciência do que as crianças que frequentavam o ensino público comigo. (Gabriel)

Gabriel introduz a sua autobiografia de leitor explicando de onde veio seu primeiro contato com a literatura. Ao contrário das outras alunas, Gabriel alega não ter tido nenhum tipo de incentivo à leitura dentro do seu ambiente familiar. Segundo ele, sua prática de leitura surgiu através do hábito que possuía em assistir desenhos legendados. Isso fez com que, conseqüentemente, ele adquirisse facilidade com a escrita. Nesse sentido, apesar de não pontuar diretamente a relação dos animes com formas literárias, esse professor em formação sinaliza a importância da leitura de suas legendas como modo de descoberta da leitura.

Mesmo após ingressar na escola, Gabriel não desenvolveu o hábito de ler. Porém, ele deixa nítido que o ambiente escolar não possui nenhuma responsabilidade sobre esse fato. O estudante de Letras afirma que obteve múltiplas formas de estímulo literário dentro da escola, mas que todas foram sem sucesso: desde projetos de leitura e escrita no Ensino Fundamental até mesmo na participação da disciplina de Literatura no Ensino Médio. Por fim, ele declara que a escola e tampouco a faculdade trouxeram algum impacto na sua formação como leitor, já que em nenhum momento ele teve ou sentiu a necessidade de ler uma obra completa.

Ao pensar nos fatores que resultaram nessa ausência de interesse pelo mundo literário, esclareço que Gabriel compartilha da mesma perspectiva que a minha enquanto pesquisadora. Afirmando que a inexistência de incentivo dentro do ambiente familiar pode fazer com que a criança não desenvolva interesse pela leitura. Parece-me, em certa medida, ser quase impossível alguém se identificar com algo que nunca teve contato. No entanto, é interessante pontuar que, mesmo a partir de animes, Gabriel parece ter tido contato com formas de fabulação da vida sem, no entanto, como sinalizei, apontar relação entre essas formas e a literatura.

A seguir, analiso a autobiografia de leitor de Maria. Essa professora em formação afirma que seu interesse pela leitura se deu a partir de livros de novelas infantojuvenis, isso porque a discente sempre gostou de ler sobre a vida de diferentes pessoas e lugares. Maria declara que, após a primeira leitura, ela nunca mais parou de ler. É como se o primeiro livro lido fosse apenas o “foguetete” que a levaria para um universo de obras literárias a serem exploradas por ela.

Por mais que seus pais não lhe incentivassem de forma ativa participando de suas leituras ou realizando a contação de histórias em sua infância, Maria conta que o estímulo recebido por eles foi sempre ganhar de presente os livros que lhe interessavam. Porém, a sua experiência coma literatura no decorrer do Ensino Fundamental I e II não foi a melhor. A escola não teve papel ativo na formação da sua identidade literária, já que os livros lidos nesse período eram de sua escolha pessoal. Assim, Maria parece relacionar sua concepção de leitura literária à necessidade de agenciamento do leitor nas escolhas literárias.

Já no Ensino Médio, ela aponta que teve contato com alguns clássicos da literatura: “Foi durante o Ensino Médio que tive meu contato com os clássicos da nossa literatura, como ‘Dom Casmurro’ e ‘Senhora’. José de Alencar foi um autor que me conquistou durante esse período, já que suas histórias são enredos de verdadeiras novelas mexicanas”. Ao inserir-se no ambiente acadêmico, Maria declarou que o grande volume de textos teóricos fez com que ela desanimasse em relação à leitura literária. Contudo, a Faculdade de Letras foi fundamental para que ela pudesse amadurecer sua identidade literária e adquirir uma visão crítica dos textos literários, provavelmente ao ter acesso a ferramentas da Teoria Literária que permitem a construção de um outro olhar para o texto literário.

Lembrando que todos os nomes dos autores citados são fictícios, chamaremos o autor da sexta autobiografia de leitor de Leonardo. Este iniciou seu texto pontuando que a sua primeira experiência com a literatura se deu por meio de sua mãe, que havia criado o hábito de ler para ele. Leonardo conta que a literatura era uma forma de diversão na sua infância e que à medida que foi crescendo, seu gosto literário evoluiu significativamente. Ele considera ter tido bons professores, que o incentivaram a ter contato com a literatura brasileira, já que era acostumado a ler mais em inglês do que em sua língua materna.

O estudante declara que foi seu contato com Machado de Assis que o incentivou a consumir outros autores brasileiros do século XX. Leonardo afirma que a Faculdade de Letras tornou seu gosto literário mais sofisticado, mesmo não tendo desenvolvido o que entende por sofisticação, além de ter passado a gostar mais de poesia. Por fim, ele conta que teve que deixar seu gosto literário de lado e passar a ler para adquirir conhecimento literário profissionalmente enquanto professor de Literatura. Esse professor em formação parece sinalizar, então, uma divisão entre o ler por prazer e a leitura para fins profissionais, como já apontado em outras autobiografias por mim analisadas.

Diferentemente de Leonardo, Mateus, autor da sétima autobiografia aqui analisada, declara que cresceu num ambiente familiar de semianalfabetos e, por mais que isso o

distanciasse cada vez mais da literatura, sempre recebeu incentivo à leitura de sua mãe e seus avós. Ele relata que seus primeiros contatos com a literatura ocorreram através de histórias infantojuvenis como “Chapeuzinho Vermelho” e “Sítio do Pica-Pau Amarelo” na sala de leitura da escola aos dez anos de idade. Ele responsabiliza a escola e os professores por lhe apresentarem ao mundo literário, considerando esse contato de extrema importância na infância.

Nesse sentido, a escola tem um papel fundamental nesse processo de formação como leitor, por mais que hoje, com um olhar mais crítico e questionador sobre as obras usadas e oferecidas para os alunos na escola, agradeço a essa fase da minha vida que sem dúvida me trouxe até a Faculdade de Letras. (Mateus)

A partir do trecho acima, ele afirma que a escola realizou um papel importante na sua formação como leitor e colaborou com a escolha da graduação que ele escolheu seguir. Além disso, Mateus cita que a Faculdade de Letras proporcionou-lhe a formação de um olhar mais crítico sobre a literatura. Em sua autobiografia, Mateus menciona, sobretudo, textos canônicos, especialmente infantojuvenis, o que denota uma concepção de literatura mais próxima a leitura de textos considerados clássicos.

Para finalizar a análise interpretativista das autobiografias, irei analisar o oitavo e último texto. A aluna, que chamaremos de Aline, inicia sua autobiografia contando que o primeiro livro que teve foi uma Bíblia. Inicialmente, era sua mãe quem lia as histórias para ela todas as noites e isso conquistou a atenção dela pela contação de histórias. Com o passar do tempo, ela mesma passou a ler sozinha. Algum tempo depois, essa professora em formação conheceu a sala de leitura da escola que estudava e ali passou a ser o seu lugar preferido, onde ela lia todos os livros que podia e acabou se identificando com livros de mistério. Desse modo, Aline apresenta uma concepção ampla do fenômeno literário.

Ao ingressar no Ensino Fundamental II, Aline conta que passou a ter leituras obrigatórias que conseguiam tornar o ato de ler em algo desinteressante: “Depois do 5º ano, mudei de escola. No novo colégio, havia um livro obrigatório todo semestre. A palavra obrigatório deixa qualquer coisa menos legal, até mesmo esqueci que gostava de ler. Mesmo quando chegaram livros parecidos com os que haviam me fascinado, como Sherlock Holmes, já não tinha a mesma graça”. Porém, ainda no sexto ano, ela conheceu o conceito de paixão e se apaixonou por “Crepúsculo” e “Nicholas Sparks”, assim como a maioria das adolescentes da época. Mais uma vez, Aline amplia sua concepção de literatura, ao trazer livros considerados de massa para o relato de suas experiências

literárias.

Dessa maneira, Aline diz que no Ensino Médio as histórias de romance não prendiam mais sua atenção. Ela declara que sua leitura deveria ir ao encontro das suas emoções pessoais, que estavam um tanto intensas. Sendo assim, surgiu o interesse pelos amores e desejos incessáveis presentes nas poesias. E, a partir de suas leituras, decidiu se tornar profissional de Letras.

Até que uma professora de literatura me fez ver que haviam romances quase-poesia na narrativa também. Lembro de ler Goethe com muita dificuldade, mas completamente fascinada por como aquela prosa era, também, poética. Foi na leitura desse livro que decidi: Letras. (Aline)

Assim, Aline expande, inclusive, o que considera como linguagem literária de um romance, expandindo também seu repertório de leituras. Mais uma vez, é perceptível que o interesse prévio em leitura encaminhou Aline, como encaminhou outros autores das biografias aqui analisadas, para a Faculdade de Letras. Por fim, é importante sinalizar, na narrativa de Aline, a constante tensão entre clássicos – Goethe – e autores de *best sellers* – Nicholas Sparks, por exemplo – como construtora de sua concepção de literatura e de leitura literária.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A literatura pode fazer-se presente na vida do indivíduo antes mesmo de sua alfabetização, por meio da contação de histórias para a criança ou até mesmo por meio da imaginação na criação de histórias realizadas em atividades lúdicas. Nesse sentido, o aspecto mais importante que surge a partir da análise que realizei foi a relação construída ou não com a literatura a partir dos estímulos familiares. Os dados confirmam a relevância da família no processo de formação do leitor, pois, quanto maior o incentivo familiar com a leitura, parece ser maior a possibilidade do interesse do indivíduo pela literatura.

Assim, o âmbito familiar possui um papel fundamental como o espaço de orientação no qual se inicia o processo de formação do leitor. É, em muitas das autobiografias aqui analisadas, nesse espaço que os professores em formação adquiriram o hábito da leitura para que, futuramente, fossem capazes de desenvolver o gosto pela leitura. Todos os autores das autobiografias de leitor que receberam algum tipo de estímulo familiar desenvolveram gosto pela leitura. Já o autor que não obteve incentivo familiar não demonstrou interesse

pela leitura literária.

É evidente que a família não se torna responsável pela formação do gosto pela leitura literária sozinha. Como perceptível na análise realizada, a escola também possui o importante papel de mediar o processo de formação do leitor literário. Muitos dos autores das autobiografias analisadas pontuaram que expandiram seu gosto ou repertório literário na escola, a partir das leituras sugeridas, mediações dos docentes ou ainda a partir do acesso a livros disponibilizados em salas de leitura e/ou bibliotecas.

Por fim, considerando o objetivo principal desta monografia, isto é, compreender concepções de literatura e leitura literária ressignificadas em autobiografias de leitor de professores em formação no curso de Letras: Português e Literaturas de Língua Portuguesa da Universidade Federal do Rio de Janeiro, sinalizo que foram apresentadas concepções amplas do literário, que abarcam tanto textos considerados clássicos como *best sellers* e formas de fabulação variadas. As concepções de leitura literária dos estudantes, por sua vez, vão da fricção entre leitura por prazer e leitura analítica, ao mesmo tempo que muitos professores em formação parecem considerar as ferramentas da Teoria Literária como essenciais para o desenvolvimento de leituras mais críticas.

REFERÊNCIAS

- AMORIM, M. A. de; DOMINGUES, D.; KLAYN, D. V.; SILVA, T. C. da. *Literatura na escola*. São Paulo: Contexto, 2022.
- CANDIDO, A. *Vários escritos*. São Paulo: Duas Cidades, 1995.
- COSSON, R. *Círculos de Leitura e Letramento Literário*. São Paulo: Contexto, 2014.
- DUARTE, E. de A. *Literatura afro-brasileira: 100 autores do século XVIII ao XXI*. Rio de Janeiro: Palas, 2014
- DUMAYET, P. *Autobiographie d'un lecteur*. Paris: Pauvert, 2000.
- EVARISTO, C. Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade. *SCRIPTA*, Belo Horizonte, v. 13, n. 25, p. 17-31, 2o sem. 2009.
- ISER, W. *O ato da leitura: uma teoria do efeito estético*. São Paulo: Editora 34, 1999.
- LAJOLO, M. *Literatura: ontem, hoje, amanhã*. São Paulo: Editora UNESP, 2018.
- MACHADO, A. M. *Ponto de fuga: conversas sobre livros*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.
- MOITA LOPES, L. P. (1994) Pesquisa interpretativista em Lingüística Aplicada: a linguagem como condição e solução. *D.E.L.T.A.*, 10 (2): 329-338.
- TODOROV, T. *A literatura em perigo*. Rio de Janeiro: DIFEL, 2010.